

FOUCAULT X PÊCHEUX: O CONCEITO DE SUJEITO DO DISCURSO

Tacia Rocha

Mestra e Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil.

Luana Vitoriano-Gonçalves

Mestra e Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil.

Flávia Cristina Silva Barbosa

Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil.

RESUMO: Pêcheux e Foucault são dois dos grandes representantes da análise do discurso francesa, dadas as proximidades e divergências dentro do dispositivo analítico a partir do qual se inscrevem. Um aspecto que os aproxima é o entendimento de que a exterioridade é determinante para a produção/significação dos discursos. A noção de sujeito é um dos conceitos que fornece parâmetros para se pensar as formulações teóricas de Pêcheux e Foucault. Neste trabalho, empreende-se uma proposta de análise a respeito da noção de subjetividade, levando em conta os pontos de convergência e divergência entre os autores, como, por exemplo, o conceito de ideologia e interpelação, que é fundante na teoria pecheutiana, e a noção de micropoder, presente nas principais obras foucaultianas. Para que a proposta seja efetivada, parte-se de uma materialidade audiovisual, intitulada *Tecnologia na educação*, publicada em 24 de agosto de 2015, pela plataforma Porvir, que tematiza a influência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no processo de ensino. Ao longo da análise, o corpus se constitui a partir de recortes que materializam o sujeito i) afetado ideologicamente pelo discurso do ensino; na proposta pecheutiana; e ii) demarcado pela ordem do discurso e pela existência de micropoderes no contexto em questão, do ponto de vista foucaultiano. Fundamentam a pesquisa autores: da Filosofia (CHAUI, 2000); da Linguística (POSSENTI, 2005; GREGOLIN, 2004) e da análise do discurso, pecheutiana (PECHÊUX 1995; ORLANDI, 1988; 2009) e foucaultiana (VEYNE, 2014; AGAMBEN, 2009; FOUCAULT, 1995, 2000, 2008, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Ideologia. Micropoder.

ABSTRACT: Pêcheux and Foucault are two of the greatest representatives of the French discourse analysis, given the vicinity and divergences within the analytical device from which are. Something that the approach the both is the understanding that the exteriority is crucial to the production/meaning of the speeches. The notion of subject is one of the concepts that provides parameters to think about the theoretical formulations of Pêcheux and Foucault. In this work, undertakes a proposal of analysis regarding the notion of subjectivity, taking into account the points of convergence and divergence between the authors, as, for example, the concept of ideology and notification, which is fundamental in the theory, and pecheutiana concept of micropower, present in the main Foucault's works. For the proposal has taken effect, part of an audio-visual materiality, entitled *Technology in education*, published on 24 August 2015, for Future platform, that discusses the influence of information and communication technologies (Icts) in the the teaching process. Throughout the analysis, the corpus is from newspaper clippings to materialize the subject i) affected

ideologically by the discourse of the teaching; pecheutiana's proposal; and ii) demarcated by the order of speech and by the existence of micropowers in the context in question, and Foucault's view point. The research is underled by authors of: philosophy (CHAUI, 2000); of Linguistics (POSSENTI, 2005; GREGOLIN, 2004) and discourse analysis, pecheutiana (PECHÊUX 1995; ORLANDI, 1988; 2009) and foucaultiana (VEYNE, 2014; AGAMBEN, 2009; FOUCAULT, 1995, 2000, 2008, 2015).

KEYWORDS: Subject. Ideology. Micropower.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Investigar as especificidades do conceito de sujeito para o campo da Análise do Discurso é imprescindível para garantir o rigor teórico do lugar de onde se fala. A ideia de sujeito começa com o renascimento do homem como centro do universo (século XV) - antropocentrismo - e prolonga-se até o século XX, em três diferentes modos: Humanismo (século XV), Positivismo (séculos XIX e XX) e Historicismo (final do século XIX). No século XIX, se constituem as Ciências Humanas e se consolidam entre os anos 1920 e 1950, a partir de três correntes de pensamento: fenomenologia, marxismo e estruturalismo. A fundação desta última corrente é atribuída a Ferdinand Saussure com o *Curso de Linguística Geral* (1916), quando a linguística passou a ser considerada a “ciência piloto” para outras disciplinas como a Análise do Discurso francesa (doravante AD). Nos anos 1960 o filósofo Michel Foucault decreta a morte do sujeito moderno e se junta à Michel Pêcheux para “historicizar as estruturas, estabelecer uma relação tensa com os conceitos e métodos da linguística saussureana, problematizando o corte entre a língua/fala e, assim, fazendo retornar o sujeito e a história” (GREGOLIN, 2004, p. 25-26).

Assim, tanto Foucault quanto Pêcheux buscam compor uma teoria que descarta o sujeito como uma individualidade, como fonte de sentidos, contudo, há diferenças fundamentais entre eles (GREGOLIN, 2004). Sob tal temática, o objetivo deste estudo é investigar as particularidades da noção de sujeito nos dois teóricos e como é o funcionamento de cada conceito na análise da materialidade audiovisual *Tecnologia na educação*, produzido e publicado pela plataforma Porvir, em 24 de agosto de 2015.

O texto está organizado em três seções: na primeira, mobiliza autores da Filosofia (CHAUI, 2000) e da Linguística (POSSENTI, 2005; GREGOLIN, 2004) para refletir as diferentes concepções de sujeito e trazem à tona as bases epistemológicas dos projetos foucaultianos. Na sequência, abordamos o conceito de sujeito em Pêcheux por meio da

forma-sujeito e ideologia (PECHÊUX, 1995; ORLANDI, 1988; 2009) e, em Foucault, as noções de posição sujeito e biopolítica (FOUCAULT, 1995, 2000, 2008, 2015; VEYNE, 2014; AGAMBEN, 2009). Por último, empreendemos um gesto de leitura da materialidade audiovisual *Tecnologia na educação* a fim de colocar em funcionamento os conceitos de sujeito dos dois filósofos.

ANÁLISE DO DISCURSO: BASES EPISTEMOLÓGICAS

Desde os gregos até o século XVII, considerava-se que a realidade ou o Ser existiam em si mesmos e que, enquanto tais, poderiam ser conhecidos verdadeiramente pela razão ou pelo pensamento – conhecido por Realismo. Essa noção sofre rupturas que abrem um abismo com o Humanismo, proveniente da filosofia da renascença, nos séculos XIV a XVI. Gestado em meio às grandes descobertas marítimas, passa a vigorar o ideal do homem, um ser natural diferente dos demais, racional e livre.

Trata-se do sujeito do Racionalismo Clássico, descrito por René Descartes e consagrado na conhecida expressão *cogito ergo sum*. O homem é o ponto de partida ao invés da Natureza. Chega-se à deliberação que as coisas exteriores podiam ser conhecidas pelo intelecto ou o sujeito cognoscente, desde que fossem formuladas como representações.

Kant (1724-1804) representa mais um interstício no saber filosófico ocidental com o chamado Idealismo, no qual considerava-se que o conhecimento não advinha das coisas em si para a consciência como era no Realismo, mas viria das ideias da consciência para as coisas. No sistema kantiano, o sujeito não era psicológico individual, “mas uma estrutura universal, idêntica para todos os seres humanos em todos os tempos e lugares, que é a razão, a faculdade *a priori* de conhecer ou o Sujeito Transcendental” (CHAUI, 2000, p. 299). Portanto, o sujeito kantiano é transcendental.

Nesse sentido, concorda a Filosofia da Ilustração ou Iluminismo ao colocar o homem, por meio da razão, como passível de conquistar a liberdade, igualdade e fraternidade, ideias constitutivas posteriormente na Revolução Francesa de 1789. A razão conduziria à evolução e ao progresso, pois a partir do conhecimento o homem poderia libertar-se dos preconceitos. A relação com a ideia de evolução faria com que a biologia tivesse um lugar central no pensamento ilustrado.

No mesmo período surge o positivismo, cuja figura central é Augusto Comte para quem o homem é um ser social. Comte propôs como estudo científico estudar os fatos

humanos usando procedimentos e métodos das ciências da Natureza. A concepção positivista é uma das correntes mais poderosas e influentes nas ciências humanas em todo o século XX (CHAUI, 2000).

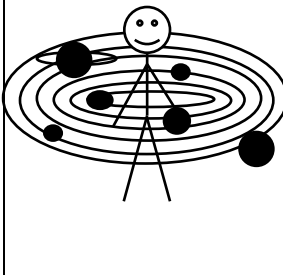
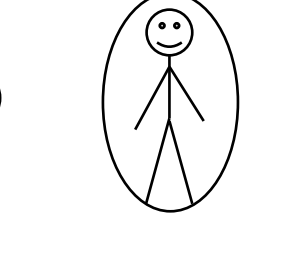
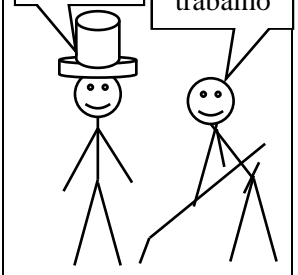
De qualquer modo, percebe-se até o momento que o sobrevoo que se inicia com a Modernidade e vai até o Positivismo, vigora-se a noção de sujeito como centro do universo, como pensante e agente de sua história. Esse modo de enunciar o objeto sujeito é desbancado somente com Marx, no final do século XIX, e Freud, no início do século XX, cada qual em seu campo de investigação - o primeiro voltado para a economia e a política e o segundo, para às questões psíquicas.

Em Marx, o sujeito consciente e racional sofre abalo, pois o pensador sistema que há um poder social invisível no qual seríamos agidos por ele - ideologia. Trata-se do sujeito produto da história. Freud, por sua vez, aponta uma semelhante ilusão de controle em razão do desconhecimento de um poder psíquico e social que atua sobre nossa consciência sem que ela o saiba - inconsciente. Nessas circunstâncias, as ciências humanas se consolidam nos anos 1920 e 1950 e, além do marxismo ocorre ruptura em outras duas correntes de pensamento: a fenomenologia e o estruturalismo.

A fenomenologia, iniciada pelo filósofo alemão Edmund Husserl, ainda considera que o sujeito do conhecimento seria dotado de intencionalidade, refletiria sobre os atos realizados pela consciência e as significações produzidas e, conheceria a estrutura formada por eles. Já a corrente estruturalista, desenvolvida por Ferdinand Saussure faz uma crítica ao sujeito fenomenológico, soberano e fonte do sentido sem, no entanto, suprimir o sujeito. Nas palavras de Lacan o estruturalismo é “um pensamento que esmigalha e o distribui sistematicamente” (LACAN, *apud* POSSENTI, 2005, p. 387), pois o sujeito sai do centro para entrar numa estrutura que o gere e o limita. (LACAN, *apud* POSSENTI, 2005, p. 387) Gregolin (2004) acrescenta que essa forma de pensamento se impôs e passou a fazer par com o marxismo de forma a substituir a fenomenologia. Para sintetizar os tipos de sujeito produzidos pelas diferentes epistemes que expusemos até agora, elaboramos o seguinte quadro ilustrativo:

Quadro 1: A modificação do conceito de subjetividade ao longo de cinco séculos

SUJEITO COGNOCENTE	SUJEITO TRANSCEDENTAL	SUJEITO HISTÓRICO	SUJEITO ESTRUTURAL
-------------------------------	----------------------------------	------------------------------	-------------------------------

 <p>O sujeito do conhecimento é o ponto de partida para conhecer o mundo. A subjetividade do homem é o ponto de partida de todo Racionalismo.</p>	 <p>O sujeito do conhecimento ou a razão pura universal é a condição necessária de existência e sentido dos objetos do conhecimento.</p>	 <p>A história não é feita pelo Sujeito, mas por sujeitos movidos pelo motor da luta de classes. Dá-se na reprodução ou transformação das relações de classes.</p>	 <p>O conceito do sujeito como agente histórico desaparece. Ele é colocado dentro da própria estrutura que desempenha o papel de atuante.</p>
--	---	--	--

Fonte: Autoria nossa a partir de Chauvi (2000).

Em suma, essas três correntes do século XX contribuíram de diferentes maneiras nas ciências humanas: a fenomenologia possibilitou a definição e a delimitação dos seus objetos; o estruturalismo contribuiu com uma metodologia para interpretar os fatos humanos, dispensando imitação dos procedimentos das ciências naturais; o marxismo conduziu à compreensão dos fatos humanos como historicamente determinados permitindo sua interpretação racional e o conhecimento de suas leis. Essas contribuições, além de terem sido incorporadas pelas várias ciências humanas, possibilitando que os fenômenos humanos fossem tratados cientificamente e diferentemente dos fenômenos naturais, provocaram profundas mudanças no campo dos estudos da linguagem. A fenomenologia conservou o sujeito do conhecimento, dotado de intencionalidade e o marxismo e historicismo colocaram em cheque esse sujeito, constituído pela história e assujeitado pela ideologia.

Vale ressaltar que na sequência o estruturalismo e o marxismo substituíram a fenomenologia especialmente em torno da linguagem, graças à re-leitura de Marx, Freud e Saussure por Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Foucault e Derrida, provocando um esfacelamento da Linguística pós saussureana. Para Pêcheux, “o encontro teórico e político entre o estruturalismo e o marxismo, na França dos anos 1960, representou uma tentativa anti-positivista que visou apreender e explicar o entrecruzamento entre a linguagem e a história” (GREGOLIN, 2004, p. 33).

Entre 1960 a 1975, ocorreu uma reestruturação da rede de afinidades disciplinares em torno da Linguística, dada a articulação entre propostas de Saussure, Marx e Freud originando novos conceitos - sujeito, História, língua - e deles derivou o objeto ‘discurso’, surgindo a análise do discurso francesa como disciplina transversal. Os trabalhos resultantes da tensão entre um novo ‘estruturalismo’ (releitura de Saussure), um novo ‘marxismo’ (releitura de Marx) e uma nova teoria do sujeito (releitura de Freud) receberam o rótulo de “pós-estruturalismo”. Para Gregolin (2004, p. 28), o que se pode generalizar em relação aos que se denominaram pós-estruturalistas “foi o fato de que ocorreu uma insatisfação em relação à teoria do sujeito proposta pela fenomenologia e houve diferentes propostas a esse problema, seja indo a Freud, a Marx, a Nietzsche, etc”. A releitura da linguística de Saussure teve papel decisivo na análise do discurso, porque esse campo de pesquisa “permitiu estudar o que se pode fazer com a linguagem, isto é, o discurso” (GREGOLIN, 2004, p. 29).

Tratando especificamente dos projetos epistemológicos de Pêcheux e Foucault, em linhas gerais, ambos têm divergência e semelhanças. O projeto pecheutiano busca construir a *análise do discurso* dialogando constantemente com a Linguística por meio da “*Tríplice Aliança*” entre Saussure, Marx e Freud. O objetivo era construir “uma *teoria materialista do discurso* aliada a um projeto político de intervenção na *luta de classes*, a partir da leitura althusseriana do marxismo-leninismo” (GREGOLIN, 2004, p. 53, grifos do autor). Na tentativa de conciliar a teoria à prática política, Pêcheux construiu um método de análise - a ‘análise automática’, quando da primeira fase da Análise do Discurso, ou a AD1.

Já o projeto foucaultiano tinha forte relação com as problemáticas da História e da Filosofia dada a tensão da tríplice aliança de Nietzsche, Freud e Marx, indicando que seu objetivo imediato não foi construir uma teoria do discurso. O objetivo de Foucault era analisar o fenômeno do poder ou elaborar os fundamentos dessa análise direcionada ao sujeito: “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231). Para tratar dessas temáticas, Foucault as articulou à uma reflexão sobre os discursos. No desenrolar do tratamento teórico “uma *teoria do discurso* vai-se delineando e encontra um lugar central na obra de Foucault” (GREGOLIN, 2004, p. 53-54).

O que Foucault e Pêcheux têm em comum, independentemente de suas épocas, e o fato de serem anti-humanistas e por isso buscarem compor uma teoria que descarta as concepções que pensa o sujeito idealista e essencial. O sujeito da AD não é, portanto o

indivíduo, sujeito empírico, é antes o sujeito do discurso produzido historicamente. É exatamente esse tópico que trataremos a seguir.

FOUCAULT X PÊCHEUX: CONCEITO DE SUJEITO

Como discutimos na primeira parte da seção anterior, o desenrolar das três principais correntes do século XX – fenomenologia, marxismo e estruturalismo – e a união das duas últimas fez com que o homem desaparecesse na filosofia, não como objeto de saber, mas como sujeito de liberdade e de existência, provocando uma crise no Humanismo.

Nesse sentido, possivelmente a ruptura mais importante para a teoria da AD seja a concepção de sujeito moderno, substituindo-a por uma teoria não-subjetivista (POSSENTI, 2005). A teoria da subjetividade apontada por Pêcheux em *Semântica e discurso* (1975) admite não ser possível apreender um sujeito-em-si no discurso, somente o sujeito constituído socialmente “pois não são só as intenções que contam, já que as convenções constituem parte fundamental do dizer” (ORLANDI, 1988, p. 10). Reitera-se que o sujeito psicológico, cheio de intencionalidade, senhor de si e do seu dizer não é o sujeito da AD.

Althusser esclarece que o sujeito não pode ser uno porque ele é afetado pelo inconsciente (Freud) e não pode ser livre, nem a origem do discurso porque ele é interpelado pela ideologia (Marx). Tanto o inconsciente quanto a ideologia dissimula sua própria existência no interior do seu próprio funcionamento, constituindo o sujeito no lugar deixado vazio.

Para Pêcheux, a instância ideológica existe na materialidade concreta, sob a forma de formações ideológicas - referidas aos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), abordados por Althusser em uma releitura sobre o conceito de ideologia. As ideologias são práticas que ocorrem na história cujo motor é a luta de classes subjugadas pela ideologia dominante (PÊCHEUX, 1995). Não existe discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia e a interpelação ocorre na identificação do sujeito com a forma-sujeito (PÊCHEUX, 1995). Em outras palavras, o sentido só se produz pela sua relação com a forma-sujeito do saber e pela sua identificação com uma determinada formação discursiva (FD), nutrindo a ilusão de ser a origem do dizer e a evidência de que o sentido de uma palavra por ele enunciada só pode ser aquele e não outro.

Para explicar como se dá a ilusão do sujeito enquanto origem de si e o sentido de uma palavra ou enunciado como evidente, Pêcheux enumera duas teses chamadas por Orlandi (1988) de esquecimentos. No esquecimento nº 1, a ilusão origina-se do apagamento:

trata-se do esquecimento inconsciente, ideológico. O sujeito tem a ilusão de ser a origem ou causa do que diz enquanto, na realidade, retoma sentidos preexistentes. Esquece também que toda sequência discursiva deve ser incluída numa formação discursiva (e não outra) para que essa sequência tenha um sentido (e não outro). O esquecimento nº 2 é parcial e semiconsciente, da ordem da enunciação: a linguagem seria transparente, sendo evidente que o sentido de uma palavra seja aquele e não outro. O sujeito fala de uma determinada maneira, embora ela possa ser dita de inúmeras formas (famílias parafrásticas). O interlocutor tem a ilusão de realidade do pensamento, de que o que foi dito só pode ser dito daquela maneira e não de outra porque a língua é “transparente”.

Esmiuçando a primeira tese de Pêcheux, o sentido não existe em si mesmo porque ele é determinado pelas posições ideológicas no processo sócio histórico onde as palavras são produzidas e reproduzidas. O sentido se forma por um trabalho de rede de memória, acionado pelas diferentes formações discursivas. As formações discursivas vão representar, no interior do discurso, diferentes posições-sujeito, resultado das contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, pré-construídos, presentes nesse discurso.

Ao passo que a mesma palavra pode mudar de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra, na segunda tese as palavras e expressões distintas podem ter o mesmo sentido no interior de uma mesma formação discursiva. É ela a matriz para a constituição do sentido e aquela que veicula a forma-sujeito. A forma-sujeito constitui o Sujeito universal, o sujeito do saber, que serve como referência do que o sujeito está determinado a dizer. A ideologia interpela o indivíduo em sujeito que livremente se submeterá aos saberes do Sujeito com S maiúsculo, isto é, o sujeito absoluto universal.

No discurso, existe também a relação de forças, ou seja, as relações são hierarquizadas, sustentadas no poder dos diferentes lugares, o que concede mais valor na fala do professor, do que a do aluno, como exemplifica Orlandi (2009). As condições de produção implicam também no imaginário. Ao passar para a ordem do discursivo, o sujeito já é tomado enquanto posição porque ele sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso. Trata-se do que Pêcheux (1969) denomina formações imaginárias, ou seja, as imagens que os interlocutores de um discurso atribuem a si e ao outro são determinadas por lugares empíricos/institucionais, construídos no interior de uma formação social. Tudo isso contribui para a constituição das condições em que o discurso se produz e, portanto, no processo de

significação. “Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas” (ORLANDI, 2009, p. 42).

Enquanto Pêcheux se utiliza do marxismo e considera a luta de classes para explicar o assujeitamento e a resistência, Foucault parte da ideia de micropoderes que ultrapassa a noção de poder do Estado. Em oposição à tradição cartesiana, Foucault, pois sustenta que o sujeito não é uma substância. Ele é uma forma nem sempre idêntica a si mesma. Veyne (2014, p. 10) descreve o foucaultismo como “uma antropologia empírica que tem sua coerência, e cuja originalidade está em ser fundada na crítica histórica”.

A inserção de Foucault na história da filosofia se dá a partir da problematização do conhecimento, a fim de investigar as rupturas, as fissuras, as contingências, a exemplo de seu olhar acerca das *epistemes*, como as ciências humanas (GREGOLIN, 2004). Ele assevera, em *Arqueologia do saber*, que o sujeito do enunciado não pode ser reduzido aos elementos gramaticais por três motivos: primeiro, ele não está dentro do sintagma linguístico; segundo, mesmo que um enunciado não esteja em primeira pessoa, ele sempre tem um sujeito; e terceiro, todos os enunciados que têm uma forma gramatical fixa não têm um único e mesmo tipo de relação com o sujeito do enunciado. Trata-se de uma relação que rompe a instância gramatical e do sujeito empírico de uma proposição. O “autor” não é idêntico ao sujeito do enunciado (FOUCAULT, 2008).

O discurso ou o regime das enunciações não deve ser descrito nem pelo sujeito transcendental, nem pela subjetividade psicológica, mas antes nas diversas modalidades de enunciação. O sujeito é definido pela sua dispersão e descontinuidade em relação a ele mesmo: “nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (FOUCAULT, 2008, p. 60.) Essas três características - status, lugar e posição – constituem a função sujeito que é neutra, indiferente ao tempo, ao espaço e idêntica em qualquer sistema linguístico e que pode ser ocupada por qualquer indivíduo. É um lugar vazio e pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes (FOUCAULT, 2008).

A função sujeito nos leva à pergunta “sobre quem fala, quem detém o direito em termos institucionais ou jurídicos de proferir tal discurso” (ARAÚJO, 2004, p. 223). Em outras palavras, o filósofo propõe que se deve entender porque estes enunciados e não outros, o lugar de onde vem e de quem vem.

Para exemplificar como se formam as modalidades enunciativas, Foucault (2008) utiliza-se do discurso médico e nomeia as três questões que implicarão na formação

(modalização) e encadeamento de enunciações diversas: o discurso médico só pode ser dito por determinada pessoa que goze do status de médico. Ele fala a partir de um lugar institucionalmente reconhecido e ocupa determinada posição em relação aos diversos domínios, na rede de informações. “Descrever uma formulação enquanto enunciado [...] é determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito”. (FOUCAULT, 2008, p. 107)

O conceito “dispositivo” é um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento foucaultiano” (AGAMBEN, 2009), sobretudo para pensar no sujeito. Dispositivo é a rede que se estabelece entre o conjunto heterogêneo de elementos que o constitui, cuja função é estratégica e se inscreve numa relação de poder. Dito de outro modo, um conjunto de instituições é imposto aos indivíduos por um poder externo e se torna interiorizado nos sistemas das crenças e dos sentimentos do indivíduo, transformando-o em sujeito.

Na constituição dos sujeitos por meio dos dispositivos, o papel do genealogista é recuperar na história a “origem” para constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais. A partir da análise da irrupção de acontecimentos que provocam rupturas e mudanças nas práticas discursivas é possível encontrar os regimes de verdade, isto é, o conjunto de procedimentos, regras que controlam e regem o funcionamento dos enunciados. “Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral da verdade’”, instituída, erigida, reforçada e conduzida por um dispositivo (FOUCAULT, 2015, p. 52).

Foucault não nega que todos os tipos de sujeição sejam fenômenos derivados de processos econômicos e sociais. No entanto, discorda de Pêcheux ao considerar que os mecanismos de sujeição “mantêm relações complexas e circulares com outras formas” (FOUCAULT, 1995, p. 236) além dos mecanismos de exploração e dominação. Foucault não concebe o poder somente no sentido do edifício jurídico da soberania ou dos aparelhos de Estado e das ideologias, cujo ponto em comum é o “economicismo na teoria do poder”. Foucault estudou o poder “a partir das técnicas e táticas de dominação”, (FOUCAULT, 2015, p. 52) em suas relações com os diversos dispositivos de poder em diferentes da sociedade (FOUCAULT, 2015).

ANÁLISE FOUCAULTIANA E PECHEUTIANA DA MATERIALIDADE

Para empreender as análises propostas, retomando os conceitos de subjetividade do projeto pecheutiano e foucaultiano, tomamos como material de análise o vídeo *Tecnologia*

na educação, idealizado pela plataforma Porvir¹, um dos programas gerenciados pelo Instituto Inspirare. A partir dele, observamos as regularidades para que pudéssemos estabelecer o corpus, isto é, as sequências discursivas recortadas para este gesto de leitura. Para as regularidades, passamos a considerar o sujeito que enuncia, diretora do Porvir, o sujeito pelo qual toma como referente o professor inovar. Tais segmentos são representativos para descrever e interpretar o funcionamento do discurso de “inclusão de tecnologia na educação”. Apesar de se tratar de uma materialidade audiovisual, esta pesquisa se interessa pelos enunciados verbais pronunciados pelo sujeito do discurso, o que nos autorizou fazer apenas a transcrição dos recortes escolhidos.

O roteiro do vídeo aborda a temática com estilo de realização da história orientado para o indivíduo. O filme consiste num testemunhal na modalidade “porta-voz” (BARRETO, 2004, p. 43), apresentado por uma pessoa não famosa mas de relevância hierárquica para a organização, a diretora do Instituto Inspirare Anna Penido, no qual esta relata dados acerca do tema. Essa estratégia permite despertar mais confiança no espectador em virtude da credibilidade do apresentador, no compartilhamento de suas próprias experiências ou ainda aproximar o público do anunciante ao usar como emissor um membro da diretoria.

Penido apresenta vários argumentos que sustentam o porquê de inserir os recursos tecnológicos na educação. O vídeo está em consonância com o objetivo da iniciativa Porvir, em propor práticas inovadoras para melhorar qualidade da educação no Brasil. A plataforma se descreve como uma iniciativa de comunicação e mobilização social para produzir, difundir e trocar conteúdos sobre inovações educacionais, para promover políticas e investimentos, em resumo, ser uma agência de notícias para subsidiar a educação contemporânea com informações *quentes*.

Além do vídeo, o canal formulou uma página especial² *Tecnologia na Educação* com documentos digitalizados abordando: recursos tecnológicos usados para ensinar; a infraestrutura necessária para usar tecnologia nas escolas; exemplos de aplicação da tecnologia na educação.

Passemos à análise dos segmentos à luz dos projetos dos dois pensadores em questão.

¹ O Porvir (<http://porvir.org/>) é uma iniciativa do Inspirare, instituto que busca inspirar inovações em iniciativas empreendedoras, políticas públicas, programas e investimentos que melhorem a qualidade da educação no Brasil. Site: <http://inspirare.org.br/>

² Homepage “Especial Tecnologia na Educação”. Disponível em: <<http://bit.ly/1Ihv8gU>> Acesso em: 01 ago. 2018.

a) Sujeito em Pêcheux:

Enfatizamos o que já discutimos, que a AD parte do pressuposto de que o sujeito se forma por um trabalho de rede de memória, acionado pelas diferentes formações discursivas que vão representar, no interior do discurso, diferentes posições-sujeito. O discurso da inclusão tecnológica na Educação é um bom exemplo de discurso heterogêneo, que contempla diferentes posições-sujeitos em seu interior.

A primeira sequência discursiva (SD) representa a posição-sujeito de incorporação do discurso digital ao discurso pedagógico, à medida que o sujeito do discurso reconhece as mudanças significativas que as tecnologias da informação e comunicação ou TICs estão promovendo nas várias instâncias sociais: “produz; consome; interage; exerce a nossa cidadania” e devem, por consequência, provocar na educação.

SD1: “A tecnologia já mudou a forma como a gente faz muitas coisas na vida. Como agente **produz**, como a gente **consome**, **interage**, até mesmo como agente **exerce a nossa cidadania**” (grifos nossos).

A sequência acima serve como pré-construído para a sequência a seguir, na qual o sujeito via forma-sujeito seleciona os saberes da tecnologia digital e funciona de forma imbricada com a posição-sujeito de incorporação ao discurso pedagógico, a partir da inscrição da diretora no lugar discursivo de “mentora da educação digital”:

SD2: “Agora é a vez da **tecnologia mudar a forma como a gente aprende e ensina**. Se antes a gente **educava os alunos** para usar a tecnologia, hoje a gente **usa tecnologia pra educar os alunos**” (grifos nossos).

Ao tratarmos do funcionamento do discurso da Inclusão tecnológica na Educação, devemos considerar que as imagens, tanto da diretora da Inspirare, do “professor inovador” (construído no discurso) quanto do professor comum (público-alvo), já estão dadas, construídas a partir do lugar social que cada um dos sujeitos do discurso ocupa. Trata-se, conforme nos mostra Pêcheux do “‘sempre já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e ‘seu sentido’ sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 1995, p. 164) A forma-sujeito da Inclusão tecnológica na Educação constrói um quadro ilustrativo do

“professor inovador”, que é o “mártir”, aquele que ajudará, por meio “Tecnologia na Educação”, na superação das desigualdades sociais por meio da educação.

O sujeito Universal da Inclusão tecnológica na educação busca nos saberes da tecnologia digital as práticas educacionais que ajudariam nessa empreitada – “a recursos de qualidade, a videoaulas, a *games*, a plataformas”.

SD3: “E assim a gente consegue avançar na **superação de três grandes desafios da educação brasileira**.

O primeiro deles a **equidade**. Com **tecnologia** a gente consegue **ampliar o acesso** dos alunos, não importa se eles estão em regiões vulneráveis ou até geograficamente dispersas. Que eles possam ter acesso a **recursos de qualidade**, a **videoaulas**, a **games**, a **plataformas** (grifos nossos).

O sujeito do saber assume na sequência discursiva abaixo, sua posição-sujeito de “mentor da educação digital”, indicando a importância da preparação do suposto “professor inovador” para a utilização das TICs. Nesse processo, esse sujeito mobiliza “a sociedade brasileira” atuando na instância de provimento dos subsídios pedagógicos para a “formação do professor”, inspirando a inovação e inclusão da “educação de qualidade pra todos os brasileiros”:

SD4 “pra o bom uso de uso de tecnologia é a **formação do professor**. [...] é importantíssimo **mobilizar a sociedade brasileira** pra que utilize esses recursos com cada vez mais propósito e da **melhor forma possível**, pra garantir uma **educação de qualidade** pra todos os **brasileiros**, que os preparem para a vida e garanta que eles possam aprender ao longo de toda sua existência” (grifos nossos).

Em síntese, a forma-sujeito realiza a incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso, o que aponta para o efeito de unidade/evidência do sujeito. E é efeito porque essa unidade é apenas imaginária. Ao tomarmos, por exemplo, o sujeito do discurso de Inclusão de tecnologia na educação é, via forma-sujeito, que ele “vai” ao interdiscurso - onde circulam tanto os saberes da pedagogia quanto os da tecnologia digital - recorta, incorpora o que lhe interessa desses saberes, identificando-se com a FD do discurso da Inclusão tecnológica na Educação, e traz os enunciados pertencentes a esses saberes à ordem intradiscursiva, linearizando-os no fio do discurso e materializando, assim, um discurso que pretende divulgar ao espectador- embora faça todos esses movimentos inconscientemente, isto é, sem se dar conta disso.

b) Sujeito em Foucault: modalidade enunciativa, dispositivo e vontade de verdade

Tomando os pressupostos foucaultianos para empreender o estudo teórico-metodológico, a análise consistirá em levantar o acontecimento discursivo, a modalidade enunciativa, o dispositivo e o regime de verdade que sustenta a inovação na educação contemporânea, nos discursos pedagógico e tecnológico. Para empreender o movimento de descrição-interpretação arqueogenealógico, selecionamos sequências enunciativas (SE) que constituem argumentos que inserem novas informações, promovendo a progressão discursiva.

De início, para identificar a constituição dos sujeitos por meio dos dispositivos, recuperamos a “origem” da constituição de um saber histórico e a utilização deste saber nas táticas atuais. Nossa tarefa é identificar o acontecimento ou irrupção de uma singularidade histórica a fim de compreender que condições permitiriam que o discurso da tecnologia coexistisse ao discurso pedagógico.

A tecnologia só foi possível de ser enunciada após o advento da rede de computadores com o nome de ARPANET, em 1969, nos Estados Unidos. Na época foi criado pelo Departamento de Defesa norte-americano para garantir a comunicação entre militares e cientistas durante a Guerra Fria mesmo.

A partir da década 1980, o uso da Arpanet se expandiu no âmbito acadêmico e para outros países, com o nome internet. Já o objeto tecnologia alocado no campo da educação é demarcado a partir de condições de emergência que possibilitaram seu surgimento. Elencamos as que TICs começaram a ser usadas como referencial a partir da iniciativa da Sociedade da Informação no Brasil, aprovada pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, em 1998. O objetivo era informatizar todas as trocas de informação, em todos campos de atividade humana.

No ano seguinte, o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) compôs um Grupo de Implantação do chamado Programa Sociedade da Informação no Brasil. Para colocar em ação o programa, foi lançado o Livro Verde em 2000, construído com base nos programas existentes na Europa, contendo metas de implementação.

Em 2002 foi lançado o Livro Branco, no qual a meta passou a ser inclusão digital com a criação de programas que valorizassem a conectividade. Segundo o MCT, não houve pausas para a implantação de políticas de inclusão digital, como mostra a página do governo eletrônico. Esses procedimentos atendem à emergência de uma sociedade em rede, presente

no funcionamento discursivo da globalização e compreendem o dispositivo, que em nossa análise vamos chamar de dispositivo da sociedade da informação e conhecimento.

O dispositivo por nós erigido é um conjunto heterogêneo composto por “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas” (FOUCAULT, 2015, p. 364), pois as mudanças da tecnologia digital se espalharam por várias instâncias das atividades sociais conforme nós identificamos no enunciado:

SE1: “A tecnologia já mudou a forma como a gente faz muitas coisas na vida. Como agente **produz**, como a gente **consome**, **interage**, até mesmo como agente **exerce a nossa cidadania**”. (grifos nossos)

O dispositivo da sociedade da informação e conhecimento sustenta estrategicamente o funcionamento dos discursos pedagógico e tecnológico:

SE2: “Agora é a vez da **tecnologia mudar a forma como a gente aprende e ensina**. Se antes a gente **educava os alunos** para usar a tecnologia, hoje a gente **usa tecnologia pra educar os alunos**”. (grifos nossos)

No enunciado abaixo os discursos pedagógico e tecnológico estão em funcionamento, sustentados por um regime de verdade instituída, erigida, reforça e conduzida pelo dispositivo da sociedade da informação e conhecimento. A plataforma Porvir integra o dispositivo da sociedade da informação e conhecimento, à medida que ele funciona na rede de poder sustentada por saberes ela se coloca como uma colaboradora da inclusão de recursos digitais, oferecendo conteúdo e suporte didático, apoio institucional, incentivadora de políticas públicas e inspiradora na sociedade da informação.

SE3: “E assim a gente consegue avançar na **superação de três grandes desafios da educação brasileira**.

O primeiro deles a **equidade**. Com **tecnologia** a gente consegue **ampliar o acesso** dos alunos, não importa se eles estão em regiões vulneráveis ou até geograficamente dispersas. Que eles possam ter acesso a **recursos de qualidade**, a **videoaulas**, a **games**, a **plataformas**. (grifos nossos)

Porvir é agenciado no regime de verdade da urgência da tecnologia na escola conforme destacamos no enunciado a seguir:

SE4: “pra o bom uso de uso de tecnologia é a **formação do professor**. [...] é importantíssimo **mobilizar a sociedade brasileira** pra que utilize esses recursos com cada vez mais propósito e da **melhor forma possível**, pra garantir uma **educação de qualidade** pra todos os **brasileiros**, que os preparem para a vida e garanta que eles possam aprender ao longo de toda sua existência”. (grifos nossos)

Na agenda da atualidade, o século XXI, entram na ordem do discurso a necessidade de inserção das TICs no contexto escolar, bem como a urgência da inovação nos métodos didáticos. Os recursos digitais na educação são uma promessa para a superação de três desafios conforme o primeiro enunciado. Nesse verdadeiro, a tecnologia pode promover inclusão e igualdade, qualidade nos recursos de aprendizagem e atualização dos métodos pedagógicos. Nesse jogo discursivo, os professores se constituem como agentes da prática pedagógica contemporânea, ou como conceitua o vídeo, designers da aprendizagem, mobilizando a disponibilização de subsídios em ambiente virtual a fim de preparar esses profissionais da educação, por meio da formação docente continuada, a usufruir da tecnologia como inovação.

Por último, na formação (modalização) de enunciações se manifesta na dispersão do sujeito “nos diversos **status**, nos diversos **lugares**, nas diversas **posições** que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (FOUCAULT, 2008, p. 61, grifos nossos). Na materialidade analisada, quem enuncia ocupa o cargo de diretoria executiva (status do sujeito) do instituto Inspirare. Esse lugar institucional e técnico de onde provém os discursos (Inspirare), que endossa como tarefa: promover a formação do professor e a mobilização da sociedade brasileira para a utilização da tecnologia na educação. Para finalizar, a posição que o sujeito do discurso ocupa na rede de informações é de quem expõe os dados, fundamenta e aconselha acerca da importância em usar tecnologia na educação, assumindo o papel de transmissora na difusão do saber tecnológico e pedagógico[R3].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, nos detivemos em estudar um conceito crucial na análise do discurso de linha francesa – o conceito de sujeito. No percurso buscamos discutir que embora Pêcheux e Foucault sejam anti-humanistas e busquem compor uma teoria que descarta o sujeito como uma individualidade, como fonte de sentidos, há diferenças fundamentais entre eles.

Pêcheux pensa o sujeito em relação com a ideologia e Foucault o propõe numa relação com os micro-poderes. O objetivo foi investigar as particularidades da noção de sujeito nos dois filósofos e compreender o funcionamento de cada noção a partir de um gesto de leitura análise de uma mesma materialidade audiovisual. No quadro teórico mobilizamos os filósofos Pêcheux e Foucault, bem como seus comentadores.

Tomamos como percurso iniciado pela retomada da subjetividade na filosofia, desde seu surgimento a partir da renascença - Sujeito cognoscente, sujeito transcendental, sujeito histórico e sujeito estrutural - até chegar na contemporaneidade, quando ele é esfacelado ou como queira Foucault: “então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia” (FOUCAULT, 2000, p. 536).

Abordamos as especificidades do sujeito relido pela AD e transformado no sujeito do discurso e apropriado por seus representantes, Foucault e Pêcheux, cada um em suas especificidades. Tanto um quanto outro são anti-humanistas e por isso buscam compor uma teoria que descarta as concepções que pensa o sujeito idealista e essencial. O sujeito da AD não é, portanto o indivíduo, sujeito empírico, é antes o sujeito do discurso produzido historicamente.

Além do mais, demos detida atenção às bases epistemológicas da AD, ao discutir a corrente estruturalista e as vertentes constituintes do projeto teórico de cada filósofo: Pêcheux – Saussure/Marx/Freud e Foucault – Nietzsche//Marx/Freud. As diferentes bases teóricas de ambos filósofos conferiram-nos a explicação das diferenças na concepção de subjetividade. Para Pêcheux o sujeito não pode ser uno e racional porque é afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. E para Foucault, o sujeito é uma fabricação histórica a partir dos dispositivos, que resultam do cruzamento de relações de poder e de relações de saber, mediados por um regime de verdade.

Para finalizar, demonstramos o funcionamento das especificidades de cada noção de sujeito, realizamos dois gestos de leitura a partir de uma materialidade visual sobre a temática da tecnologia na educação. Ressaltamos que os conceitos mobilizados de ambos teóricos, não contemplam todas especificidades teóricas, uma vez que recortamos apenas uma fatia da fase intermediária da produção intelectual de Pêcheux e Foucault. Tentamos iniciar uma análise da subjetividade em ambos, cientes de que nossa análise, provisoriamente exaurida, pode se aprofundar tanto do ponto de vista da heterogeneidade discursiva em Pêcheux, quanto da governamentalidade em Foucault.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: _____. **O que é o contemporâneo? e outro ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BARRETO, Tiago. **Vende-se em 30 segundos**: manual do roteiro para filme publicitário. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.). **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Coleção Campo Teórico)

_____. **Microfísica do Poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Sociedade da Informação no Brasil Livro Verde**. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0004/4795.pdf> Acesso em: 01 abr. 2015.

ORLANDI, Eni P. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós?. In: _____. (Org.). **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, 1988.

_____. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PECHÊUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PORVIR. **Tecnologia na educação**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IzsHAIcVxR8>>. Acesso em: 19 set. 2015

POSSENTI, Sirio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. V. 3. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Tradução Marcelo Jacques Morais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.